

BIRICO

Birico – fragmentos de afeto

Birico surge pelo gesto da partilha. O termo define as pequenas pedras que se formam ao se quebrar um bloco de *crack*. Podem ser trocadas por um tênis surrado ou por uma lata de refrigerante. É também a forma de compartilhar a droga com alguém que te faz companhia.

Foi nessa ideia, de ajudar quem está ao lado, que surgiu Birico, no início da pandemia de covid-19, quando o medo e a incerteza se espalhavam ainda mais rápido do que as infecções pelo vírus. Artistas com atuação na Cracolândia – região do Centro de São Paulo que concentra população em situação de rua e desprotegida socialmente – estabeleceram uma rede para apoiar artistas que vivem em situação de calçada.

A primeira ação foi a venda de *prints*, que unia nomes conhecidos no circuito da arte contemporânea ao de criadores que enfrentam dificuldades cotidianas. Metade do valor arrecadado foi dividido por igual, independente do número de trabalhos vendidos, entre todos os participantes. Com a outra metade foi criado um fundo para apoiar ações no território, fortalecendo coletivos parceiros, como o Tem Sentimento e o Pagode na Lata, que atuam com geração de renda.

Foram três campanhas de vendas de trabalhos artísticos em impressões de alta qualidade. A partir da segunda leva, nos voltamos para a maior necessidade do território – moradia –, muitas vezes apagada pelas narrativas estabelecidas pela guerra às drogas e a demonização do *crack*. Moradia primeiro é entendimento que surge a partir da ética da redução de danos – pilar da nossa construção –, segundo a qual, para estabelecer qualquer processo de organização, as pessoas precisam, antes de tudo, de um lugar para residir.

Nesse ponto, somos uma provocação à sociedade e ao poder público. Não temos a pretensão de resolver a precariedade de milhares de vidas no Centro da maior cidade do país. Apenas mostramos, com o nosso exemplo, que é possível estabelecer outras relações de cuidado, longe das viaturas e bombas de gás. Pensar pequeno para multiplicar é teoria que desenvolvemos a partir da prática.

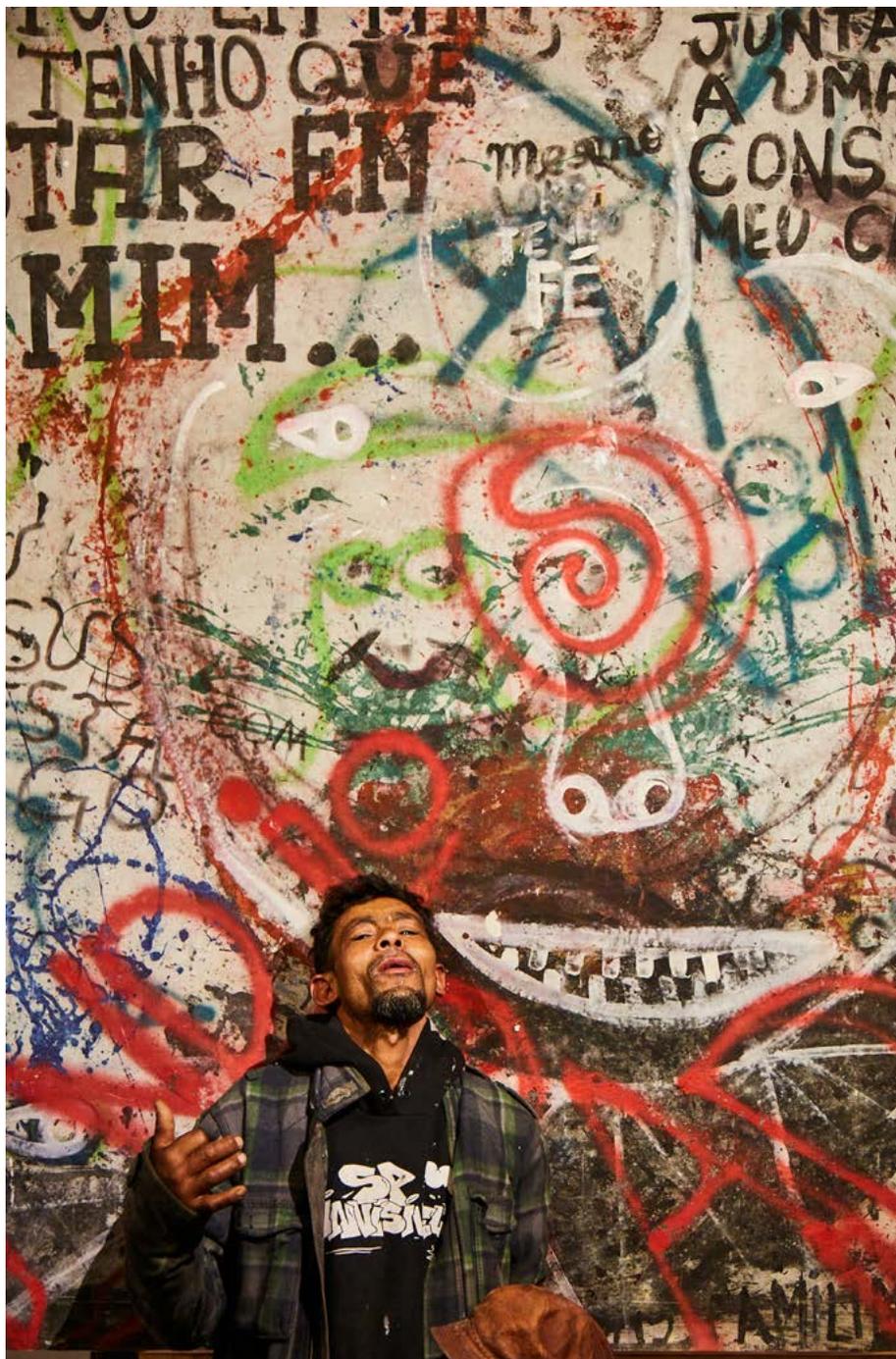


Figura 1
Cícero Rodrigues, o artista
Badaross, em exposição
no espaço independente
Bananal, na Barra Funda
(zona Oeste paulistana),
foto João Leoci



Figura 2
Edna, com foto de sua filha,
na parede de sua residência,
custeada por Birico,
foto João Leoci



Figura 3
Consumidor de haxixe no
Marrocos, um dos *prints*
comercializados nas campa-
nhas de arrecadação,
foto Daniel Mello

Ao mesmo tempo, a inserção de pessoas em situação de calçada nos circuitos artísticos não é mero instrumento para trazer recursos a essa população. É a oposição à narrativa do “zumbi”, de que as drogas seriam capazes de anular consciências. Em vez de argumentação discursiva, que parece ter cada vez menos valor em uma sociedade em crise com a construção científica do saber, usamos a concretude dos trabalhos expostos nas paredes, à venda ou não.

Foi assim na exposição Poéticas autônomas em fluxo (2021), que esteve no Sesc-Bom Retiro. Na mostra Independência é vida (2022), levamos a publicação *Dizeres da rua* (verbetes selecionados por diferentes grupos do território) para dentro da Biblioteca Mário de Andrade, importante espaço cultural paulistano.

Em 2023, Birico começou um programa de estágio e formação em redução de danos, realizando oficinas de criatividade de lazer no fluxo da Cracolândia.

Agora, temos como principal foco de arrecadação, uma campanha de financiamento recorrente na Benfeitoria. Aceitamos ainda doações esporádicas pelo Pix. Qualquer moedinha ajuda.

<https://www.instagram.com/birico.arte;>

Email/pix: birico.arte@gmail.com

[Benfeitoria benfeitoria.com/projeto/birico](http://Benfeitoria.benfeitoria.com/projeto/birico)

Como citar:

BIRICO. Dossiê Coletivo. *Arte & Ensaios*, Rio de Janeiro, PPGAV-UFRJ, v. 29, n. 46, p. 281-284, jul.-dez. 2023. ISSN-2448-3338. DOI: <https://doi.org/10.60001/ae.n46.16>. Disponível em: <http://revistas.ufrj.br/index.php/ae>.